

**Bernardo Pinto de  
Almeida**  
Maio '86

Inscribe-se a escultura de Paulo Neves nessa corrente neo-primitivista que constitui uma das linhas de força jovem arte portuguesa.

Não se trata tanto da própria brutalidade das peças, como da sua origem e ténpera autodidáctica, dessa medida em que a actividade do artista, parafraseando um dos maiores que temos, Álvaro Lapa, "é inventada, no mais estrito sentido, quanto aos meios e quanto aos fins".

Essa vontade, ou imperativo antes, de projectar as formas que assume o imaginário - essa Kunstwollen - esse irreduzível que compele a toda a actividade criadora, seu único e último motor, para lá de circunstâncias epigonalmente comerciais, de moda ou outras, eis o que aqui começa.

Resulta pois este trabalho, e antes do mais, de uma vontade de forma que claramente se projecta - para lá de fantasmas ou afectos - em peças de, por vezes, assinalável presença.

O que começa por ser fascinante é o modo como entre si parecem estabelecer um diálogo, que como que prolonga o das árvores que antes de esculturas estas madeiras foram.

Esse diálogo, na sua multiplicidade de vozes e de efeitos, nas contorsões estranhas que as peças configuram como num bailado, faz do cenário em que se apresentam em convivência próxima, como que visão de um imaginário circo em que mudos acrobatas, palhaços, bailarinas desfilam ante a nossa surpresa e emoção.

Ou uma floresta encantada, nua hora em que, longe da contemplação, se transfigurassem em animados festins os vivos seres que só o vento faz estremecer, qual sonho de uma noite de verão.

Transportam-nos ainda do necessário repensar do totemismo na nossa própria cultura dessacralizada, voltando-se-nos o pensar para uma necessária redimensionação antropológica da actividade artística, essa vocação por tanto tempo esquecida e no entanto subterraneamente tão premente em toda a arte que se reclama da modernidade.

Essa a sua força: o modo como se apresentam quais seres acabados de se evadir da terra em que nasceram, das raízes que os seguram ainda, para mais amplo e perigoso voo, vestidos apenas com as mínimas formas que lhes oferece a mão do artista. Ou seja, o modo como se mostram ao mesmo tempo como criaturas e como presenças habitadas ainda de uma memória da terra de que saíram.

E onde reside a força está também, e sempre, e por certo, a raiz da fragilidade, eis porque nos surgem toscas no mover-se, tacteantes, incertas ainda no rumo a tomar sob as suas aparências antropomórficas.

Elas retomam, finalmente, vivas memórias ainda de uma imagética popular, de rica tradição entre nós (e felizmente), em que a um certo pietismo se associa não pouco frequente sentido do grotesco, de mãos dadas como a curiosidade e o medo, como a realidade e a fantasia.

Nessa medida evocam antes do mais a mesma linha de força que percorre a escultura popular: o seu gosto ingénuo por um lado, mas a sua forte dimensão de irracional.

Mais "culturalmente" então, se poderiam ainda conotar como os pressupostos de uma sempre viva art brut, num momento em que ainda participam desse tipo de emoção, e em que se apresentam ainda quase virgens de eloquência ou de mensagens que não seja a de afirmar a sua própria vontade de forma, sem direcção nem objetivos precisos, numa palavra, inventadas quanto aos meios e fins.

Assim se compreenda o sentido destas obras em primeira exposição, na estimulante promessa que a sua original presença constitui.